

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Jornal
27.Fev.2017
Artigo
Exposição Coletiva

Veículo
Seção
Autor
Catalogação

O Globo
Segundo Caderno
Luísa Duarte
COD.FDAG.0006.2017

Artes visuais

SOBRE OLHAR E ESCUTA

Segunda parte da mostra inaugural da Carpintaria reúne 28 nomes que fazem interseção entre artes visuais e música

Crítica

"UMA CANÇÃO PARA O RIO"

ONDE: Carpintaria – Rua Jardim Botânico 971, Jockey Club (3975-5554). QUANDO: Ter. a sex., das 10h às 19h; sáb., das 10h às 18h. Até 25/3. QUANTO: Grátis. CLASSIFICAÇÃO: Livre.

LUÍSA DUARTE
segundocaderno@oglobo.com.br

Na Grécia antiga a palavra música queria dizer "arte das musas". Na mesma Grécia de mais de dois mil anos atrás os poemas eram cantados, letra e som caminhavam juntos. De alguma forma, com o passar dos séculos as linguagens artísticas foram se compartimentando. Letra, forma, som, imagem, cada uma em seu escaninho separado, com seus universos próprios. Se existem, claro, momentos de diálogo intenso, no câmpo geral parece existir mais apartamento do que união.

É no desejo de sublinhar a interseção de duas linguagens, as artes visuais e a música, que



Vou vivendo (2017). Obra de Nuno Ramos com pedra sabão, flauta e saxofone: artista materializa som

reside a potência da exposição "Uma canção para o Rio". Mostra inaugural da Carpintaria, o espaço carioca da Fortes D'Aloia & Gabriel, uma das mais importantes galerias do país com sede em São Paulo. Organizada em parceria com Douglas Fogle e Hanneke Skerath, curadores independentes de Los Angeles, a mostra, dividida em duas etapas, selecionou trabalhos de 28 artistas ou grupos que exploram as relações concretas ou simbólicas entre o som e a forma.

As duas partes de "Uma canção para o Rio" — a primeira inaugurada em novembro de 2016 e a segunda, agora em cartaz, aberta em 18 de fevereiro — reúne obras de nomes provenientes de diferentes latitudes e gerações: Allora & Calzadilla, Agnieszka Kurant, Armando Andrade Tudela, Ana Prvaki, Anne Collier, Arto Lindsay, Bárbara

Wagner, Benjamin de Búrca, Barrão, Bruce Conner, Cabelo, Cerith Wyn Evans, Chelipa Ferro, Christian Marclay, Dave Muller, Ernesto Neto, Hélio Oiticica, Neville D'Almeida, Jac Leirner, Kelley Walker, Los Carpinteros, Marine Hugonnier, Mark Leckey, Martin Creed, Nuno Ramos, Paulo Garcez, Rivane Neuenschwander, Susan Philipsz, Vincent Meessen, Vivian Caccuri.

A multiplicidade de vozes envolvidas na exposição vem operando na intercessão entre olhar e escuta: incorporam os ruídos e os objetos cotidianos (Caccuri, Lindsay, Leirner), sinalizam para a música como formadora de identidade (Muller), resgatam a memória afetiva própria do gosto musical (Neuenschwander), reafirmam os elos entre música e política (Wagner, Kurant), materializam o som em imagens e for-

mas (Chelipa, Garcez, Ramos).

No vasto leque de obras apresentadas algumas pertencem mais diretamente ao campo da música, outras lidam com esse território de modo a evocá-lo com vias a um questionamento político. Fazem parte do segundo grupo o trabalho "Ersatz Chopin", da polonesa Agnieszka Kurant, que revela as insuspeitadas relações entre Chopin, também polonês, e a China, país no qual o compositor é adorado por milhões e milhões de fãs; assim como o vídeo "Estás vendendo coisas", de Barbara Wagner e Benjamin de Búrca, no qual a paisagem social e profissional do brega do Recife é desconstruída, revelando a engrenagem de um universo no qual o poder da imagem e a construção de uma identidade a partir da aparência dão as cartas, tudo em meio a letras que versam sobre amor, fidelidade, sucesso e riqueza.

PESQUISA INSTIGANTE

Capaz de reunir em um só projeto nomes tão diversos como o de Vivian Caccuri, jovem artista carioca que foi destaque na última Bienal de São Paulo, passando por um autor instigante e pouco conhecido do público, o já falecido Paulo Garcez, ao lado de nomes consagrados da arte brasileira como Ernesto Neto, Nuno Ramos e Jac Leirner, todos em diálogo com obras de artistas importantes da cena internacional mas pouco vistos no Rio, como Cerith Wyn Evans e Allora & Calzadilla, "Uma canção para o Rio" se constitui em uma instigante pesquisa sobre as relações entre artes visuais e música, som e forma, olhar e escuta. As aberturas das duas etapas da exposição foram marcadas por projeções ao ar livre — Los Carpinteros e Bruce Conner — e performances — Vivian Caccuri e Arto Lindsay — sublinhando a sinergia de disciplinas entre artistas de diferentes gerações e latitudes. Ao promover diálogos insuspeitados "Uma canção para o Rio" encontra a sua maior potência, aquela de ser uma polifonia de gestos, formas, sons e imagens. ●